

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

O Seculo

Propriedade de: J. DA SILVA GRACA, Lmtd.ª

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SEculo, 49—LISBOA

PÁS



— Não ha duvida de que todos estão d'acordo na pásada!

PALESTRA AMENA

Zarzuela

Esta Lisboa é para onde lhe dá. Em arte, principalmente, é uma grandíssima telhuda: se lhe dá para simpatizar com o artista, frequente-o, adula-o, põe-o nos chifres da lua; se não, rua da amargura com ele. Mais ainda: com o mesmo artista simpatiza ou não, alternadamente, tributando-lhe hoje grandes zumbais, amanhã lançando-o ao desprezo, ao esquecimento pelo menos. Exemplo, na arte dramática, o que aconteceu com o ator Novelli, nas duas primeiras vezes em que nos visitou. Exemplo atual—é isso o que justifica o introito d'esta substancial palestra—uma companhia de zarzuela que se tem ultimamente exibido no Terraço Bragança e que quasi ninguém frequenta, quando de outras vezes basta anunciar-se a aparição de uma galeguita dançante em estrado de feira, para lá cair meia Lisboa.

Pois em verdade vos dizemos que, espontaneamente, sem a mais pequena retribuição, nem a de uma simples *borla*, vamos em seguida fazer um reclamo á referida companhia, que não é peor do que outras que entre nós tem obtido exito, antes talvez melhor.

E' pequenina, não traz côros, mas em compensação traz tres comicos de verdadeiro valor e o que são tres atores comicos n'uma companhia de teatro diga-o o publico de Lisboa que conta teatros onde não ha nem um d'esses atores. As *tiples* não são bonitas, nem tem grande voz, mas são aceitaveis e como aspeças escolhidas são as que contam como papeis principia s os masculinos, da falta de formosura interna e externa de gargantas não adveem grandes inconvenientes.

Isto quanto a *tiples*, que se nos referimos a uma cantadora e bailarina, que se apresenta só com *su pareja*, se falarmos na *señorita* Teresa España, n'esse caso alto lá: temos formosura e formosura a valer, uma especie de Aurnée Abranches, hoje Grijó, capaz de nos conciliar com o proprio *majo* que a acompanha, escanifrado cavalheiro que se rebola posterior e indecentemente quando ela se meneia e que, de olhos em alvo, solta as exclamações mais grandiosamente estupidas quando ela garganteia.

E' um crime, senhores e senhoras, o desprezo em que lançais a companhia que funciona no Terraço Bragança. Babastes-vos com o Nadal, não é assim? pois tendes lá um Muro mil vezes mais engraçado, sem esgares amacacados, natural, ator, emfim. Caistes de cocoras perante a Imperio, não vos lembrais? pois ali encontrareis a Teresita, que vale muitos imperios—se se permite este trocadilho de duvidoso gosto.

Não temos razão? Pois deixem passar a guerra, aguçar o apetite dos saudosos da Pilar Marti, despertar o arrojo dos emprezarios, e aplaudireis em teatros de primeira ordem artistas hespanhoes inferiores áqueles a que nos referimos; é uma profecia facil de fazer por quem vos conhece.

N'esta altura, tendo-vos nós declarado que não nos movem ao reclamo considerações interesseiras, é possível que pergunteis:

—Mas então por que diabo se lembrou o «Neutral» agora de chamar a atenção pa a o Bragança?

Confessamos: porque estamos apaixonados pela Teresa España e porque, dando-nos ela um grandissimo sortão, acontece que estando apenas meia duzia de pessoas na plateia se tornam reparadissimos os olhares ternos e prometedores que trocam todas as noites, Neutral e ela. Muito nos conviria que a plateia se enchesse, para que as nossas manobras passassem despercebidas d'uma pessoa: da aludida *pareja*, que notando o namoro, todas as noites nos faz a desfeita de se voltar de costas, sarcoteando-se em nossa intenção, a indicar-nos desprezo e injuria.

Rica Teresa!

J. Neutral.

Insignificancia

Final de contas tanto espalhafato para tres vezes nada coisa nenhuma! Toda a gente receava que as despesas da guerra excedessem as nossas facilidades pagantes; só o juro provavel, d'algum emprestimo que se fizesse, seria—ao que se calculava—de se porrem os cabelos em pé. E eis que de um momento para o outro o socego entra no seio da familia, tudo recae



no antigo optimismo, sem receio algum pelo futuro, bastando para isso que o nosso grande Afonso declarasse nas camaras que as tais despesas orçavam apenas por 10.000 contos por mez.

Bravo! E' um ovo por um rial, como passamos a demonstrar, com a aritmetica na mão.

Sendo a população de Portugal de seis milhões de pessoas e gastando-se por mez 10.000 contos, quanto cabe por dia a cada pessoa?

Tenham a bondade de dividir 10.000.000\$000 por 6.000.000. Dá de quociente 1666, não dá? bem. Agora queiram dividir 1666 por 30, que tantos são os dias do mez: temos 56. Isto é, se cada um de nós der 6 centavos por dia ao sr. ministro das Finanças ele paga as despesas da guerra e ainda fica com alguma coisinha para cigarros.

Não vale, pois, ralar. Quem é que não tem tres vintens por dia?

Brincando aos soldados

Sua santidade Benedito mais uma vez botou fala em latim, mostrando, como das outras vezes, que sabe muito de missas mas que de diplomacia e guerras não sabe patavina. Nem o caso deve admirar: os chefes de Estado, interessados no conflito, para bem fazer idéa dos acontecimentos, tem ido pessoalmente ao *front*—o papa imagina que no seu gabinete, brincando ás guerras com soldadinhos de chumbo,



está habilitado a tratar do assunto, de mais a mais pelo lado mais melindroso qual é o modo de satisfazer a amigos e inimigos.

Ora então amigo Benedito, deixe-se de ceremonias, monte n'um corcel, vá até Ypres e quando sentir bem o cheiro a polvora, quando vir de perto como elas mordem, fale em paz, faça propostas, intrometa-se na contenda.

E leve alguns cardeais mais belicosos que lá tenha á mão.

livros, livrinhos e livrecos

Cantarolas, de Antonio de Lemos —E' um poeta sempre moço, nascido e criado na cidade do Porto, que conhecemos versejando aos 20 anos e que hoje, orçando pelos 50, tem ainda o fogo da mocidade. Se não, leia-se esta amostra do que ele chama modestamente *Cantarolas*:

«O' vida da minha vida!
«O' vida do meu viver!
«Viver sem ti não é vida,
«Viver sem ti é morrer.

O' moça dos meus encantos,
O' minha pomba querida,
O' meu amor del cado,
O' vida da minha vida!

Teus olhos são como estrelas
Ou como a lua a nascer,
Tu és tudo para mim,
O' vida do meu viver!

Se me faltasses, cachopa,
Dava ao mundo a despedida
Porque, em verdade, confesso
Viver sem ti não é vida.

Sem a luz dos teu olhar
Que hei de eu no mundo fazer?
Tu és sol, és ar, és tudo!
Viver sem ti é morrer.

Extraordinarios

EM FOCO



O gaitero

E' no logar das principais pessoas.
Ornamento de toda a romaria;
E' quem na procissão á frente guia,
E' quem alterna as competentes loas.

As cachopas em peso—e são bem boas—
Trazem no ouvido a rude melodia
Que ele soluça, grita, ladra e mia
A troco, por favor, de tres cordas.

Muitas vezes nas franjas do instrumento
Se prendem corações, que é traçoieiro
Soprado e resoprado o som do vento;

E tanto que o prior disse ao sineiro
Um dia, em confidencia, ciumento
Que tinha pena de não ser gaitero.

Belmiro.

De pé atrás...

Dizem os jornaes que o Instituto Llorente, de Madrid, requisitou ao Jardim Zoologico de Lisboa varios quadrumanos «para estudos de investigação de paralisia infantil.»

N'uma parte se põe o ramo e n'outra se vende o vinho. Não é preciso ser muito esperto para perceber que o estudo de paralisia infantil não passa d'um simples pretexto.

Se bem se averiguar verão que se trata mas é de mais uma tentativa ibérica—d'esta vez por meio de cruzamentos.

Toda a cautela é pouca.

Em pró de Cabo Verde

Certo professor de dança disse, a proposito da «morna» de Cabo Verde, que esta era originaria dos selvagens d'aquela arquipelago, e logo salta d'ali um defensor, o sr. Lopes da Silva, explicando que em Cabo Verde nunca houve selvagens. E para prova cita algumas pessoas notaveis, d'ali naturais, vivas e mortas, não se esquecendo, entre as vivas, do nosso amigo dr. Henrique de Vasconcelos...

Não é muito de aceitar este ultimo argumento, coloridamente falando.

Surriada!

Por fim de contas a bernarda ali da nossa visinha Hespanha não durou quasi nada, podendo dizer-se que morreu á nascença.

E estavam os nossos vizinhos todos anchos, imaginando que d'esta vez não levariam a palma!

Sabem que mais, seus gabarolas? D'isso temos nós cá todos os mezes e nem falamos em tal!

De Roma

Telegramas dos jornaes de terça feira ultima:

ROMA, 21—As estatisticas officaes demonsttram que a população italiana aumenta, indo além das cifras normaes, apesar da guerra.

Consultados alguns cardeaes sobre o motivo do estranho facto, acham-no inexplicavel e afirmam a sua absoluta neutralidade.

ANEDOTA

Um funcionario publico foi consultar um medico.

—Com que então, disse-lhe este, continua a padecer das mesmas terribes insonias?

—E' verdade! e agora, o que é peor, é que nem sequer na repartição consigo dormir!

Os admiradores da kultura

Comó os aliadofilos andassem por esse mundo fóra todos contentes com a noticia de que a America ia apresentar no teatro da guerra 100:000 aeroplanos, logo os germanofilos, que não podem ver uma camisa lavada ao inimigo, inventaram que os alemães vão empregar uns gazes asfixiantes de mais terribes efeitos do que os antigos.

Surprendemos ha dias uma conver-



sa a esse respeito entre um portuguez e um hespanhol.

O portuguez:

—Que me diz, usted! Gazes asfixiantes mais perigosos que os antigos?

—Muchissimo más!

—Não compreendo. Se os antigos matavam, como é sabido, que mais podem fazer os inventados agora?

—Mire usted: los de ahora matan, resuscitan y matan otra vez!

Um amigo nosso escreve-nos de uma estação de aguas, onde costuma ir todos os anos e conta-nos que está admirado com o preço dos hoteis. Caros? perguntará o leitor. Qual! baratissimos, segundo anunciaram logo no principio do verão quasi todos os hoteis de praias e termas, declarando em grandes letras nos cartazes das estações de caminho de ferro: *Este hotel não aumentou a diaria.*

E vai então diz-nos o tal amigo que realmente a diaria do hotel onde está—que era dois escudos—não aumentou.

No fim da 1.ª quinzena, o mordomo apresentou-lhe a conta e lá estava na 1.ª parcela:

Diaria..... 30 escudos

Seguiam-se os extraordinarios:

Pão.....	15	escudos
Vinho.....	9	"
Fruta.....	34	"
Queijo.....	18	"
Assado.....	31	"
Café.....	5	"
Chá.....	5	"
Pimenta.....	8	"
Sal.....	3	"
Palitos.....	1	"
Lavagem de louça.....	10	"
Idem de guardanapos.....	8	"
Idem de toalhas de mãos.....	4	"
Idem de roupa de cama.....	5	"
Idem do «bidet».....	2	"
Banhos.....	7	"
Esfregadela de botas.....	1	"
Escovação de fato.....	1	"



A um criado, por chamar ás 8 horas.....	4	"
A outro, encarregado de tocar a campainha para as refeições.....	3	"
A outro, por deitar cuspo nas estampilhas.....	2	"
A uma criada, por serviços não especificados.....	20	"
Total dos extraordinarios	196	"

Se dissessemos que o nosso amigo ficou a pular de contente, mentiríamos. Tanto que fez esta observação:

—E' tudo extraordinario! Afina!, o que é aqui ordinario?

—E' o hotel, respondeu o mordomo.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

9.ª PARTE

O POMBO CORREIO

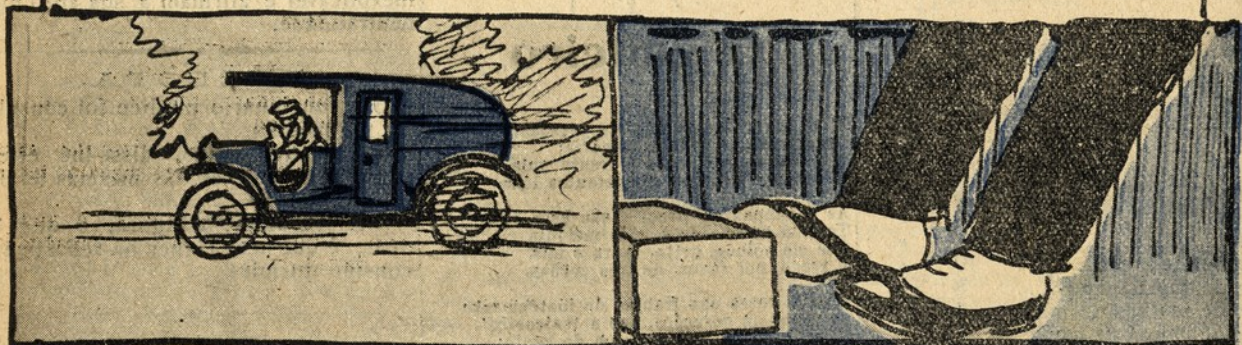
2.º EPISÓDIO

(CONTINUAÇÃO)



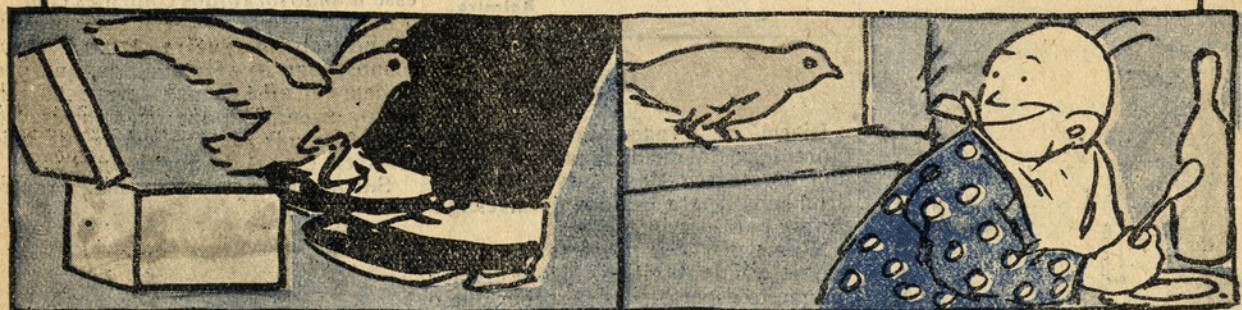
1.—Gil Goes chama um automovel de praça e diz ao «chauffeur» (que tem má cara para santo) que o conduza a casa.

2.—De subito, sente que duas garras de ferro o prendem á parede do automovel,



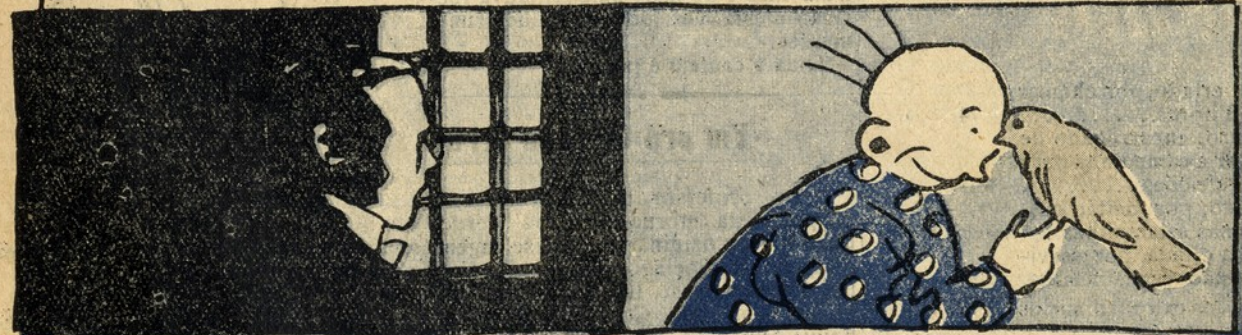
3.—que n'uma corrida infernal atravessã ruas, largos, campos...

4.—Então Gil Goes lembra-se da caixa misteriosa que o Manecas lhe oferecera e consegue abri-la com os pés.



5.—E logo de dentro da caixa sae um pombo, que pelo feitio do bico se vê que é correio.

6.—Achava-se o Maneca- a almoçar, quando entra pela janela o referido pombo correio, o que faz exclamar ao Manecas:—Aqui ha coisa!



7.—No entanto Gil Goes acha-se preso em cabouço tão incomodo como um quarto de hotel recomendado pela Propaganda de Portugal.

8.—Interrogando o talentoso pombo, Manecas sabe que Gil Goes fôra raptado, alem de outras coisas que o leitor virá a saber com pasmo.

(Continua)